

ISRAEL FEZ O 11 DE SETEMBRO

Wyatt Peterson, 2 de setembro de 2024

Fonte: <https://truthblitzkrieg.com/2024/09/02/1379/>

Tradutor do texto: Elvira Mattoso.

Descrição: O autor argumenta que os ataques de 11 de setembro de 2001 foram orquestrados por uma rede sionista ligada ao Estado de Israel, que teria os meios, motivo e oportunidade para executá-los e encobri-los. Aponta evidências como o controle de segurança do World Trade Center por empresas ligadas a Israel, a privatização do complexo por figuras sionistas como Larry Silverstein, e o envolvimento de agentes como Michael Chertoff na destruição de evidências. Destaca o papel de Kenneth Feinberg e do juiz Alvin Hellerstein no controle do litígio para evitar investigações, além de criticar o Relatório da Comissão do 11 de Setembro como um encobrimento. O Memorial do 11 de Setembro, projetado por Michael Arad, é descrito como uma zombaria que reforça a narrativa oficial. Por fim, sugere que o 11 de setembro foi usado como pretexto para guerras no Oriente Médio em benefício de Israel, alertando contra novas manipulações para conflitos futuros.



Em 11 de setembro de 2004, o [The New York Times](#) publicou um artigo de opinião em memória do terceiro aniversário dos ataques terroristas de 11 de setembro. O artigo começava reconhecendo que fatos cruciais sobre o que aconteceu naquele dia continuavam a ser ocultados por agências governamentais:

“Nos três anos desde o 11 de setembro, começamos a entender que é possível saber o que aconteceu sem saber o que aconteceu. É a diferença entre o conhecimento que é ao mesmo tempo privado e comunal... e o conhecimento que é verdadeiramente público. Parte do que precisamos saber publicamente foi fornecido pelo relatório da Comissão do 11 de Setembro. Outras respostas estão em falta.”

Essas são palavras extraordinárias vindas do jornal de referência da nossa nação. A sugestão de que o povo americano deveria aceitar passivamente ser enganado sobre um evento que mudou o mundo por aqueles eleitos para servir o interesse público prova que não havia intenção, por parte da mídia, de descobrir o que realmente aconteceu naquele dia ou de responsabilizar alguém. Quase 3.000 americanos foram mortos em plena luz do dia e uma explicação impossível foi imposta ao mundo, e, no entanto, apenas três anos depois do fato, o Times quase não se deu ao trabalho de investigar quem o fez e por quê.

Se a América tivesse uma mídia honesta, seria impossível que os autores do crime tivessem escapado com o seu ataque audacioso e sua igualmente audaciosa história de encobrimento de “19 árabes com estiletos a superarem a superpotência tecnológica mais sofisticada que o mundo já conheceu”. Existe uma quantidade extraordinária de dados que provam que a história oficial não pode ser verdadeira, mas a mídia fez o possível para ignorar tudo isso, ao mesmo tempo que difama qualquer pessoa que levante qualquer fato inconveniente como um “teórico da conspiração” condenável. Surpreendentemente, a BBC lançou dúvidas sobre a história oficial do governo logo no início, ao [reportar a 23 de setembro de 2001](#) que cinco dos dezenove “sequestradores” tinham aparecido vivos e bem em lugares como a Arábia Saudita e Marrocos, e não estavam nem perto de Nova Iorque ou de Washington D.C. na manhã do 11 de setembro. Apesar dessa revelação surpreendente, os nomes e os rostos desses homens permanecem permanentemente ligados à lenda do 11 de setembro, e a história sensacional, como tantas outras, foi rapidamente descartada no buraco da memória de Orwell.


NEWS

WORLD EDITION

You are in: **Middle East**

News Front Page
Sunday, 23 September, 2001, 12:30 GMT 13:30 UK



Africa
Americas
Asia-Pacific
Europe
Middle East
South Asia
UK
Business
Entertainment
Science/Nature
Technology
Health

Hijack 'suspects' alive and well



A man called Waleed Al Shehri says he left the US a year ago

AFTER THE TALEBAN


Rebuilding

- ▶ Uneasy peace
- ▶ Afghan army test
- ▶ Looking ahead
- ▶ Aid shortfall
- ▶ Unfulfilled dreams

Political uncertainty

- ▶ Karzai's shaky rule
- ▶ Al-Qaeda threat?
- ▶ Qadir's assassination
- ▶ Loya jirga assessed

Profiles

- ▶ Hamid Karzai
- ▶ Ex-king's dilemmas
- ▶ Masood: Slain hero

Talking Point

Country Profiles
In Depth

Another of the men named by the FBI as a hijacker in the suicide attacks on Washington and New York has turned up alive and well.

Então, você pode perguntar... quem fez isso então? Quem tinha os meios, o motivo e a oportunidade para realizar um crime da magnitude do 11 de setembro e encobrir seus rastros depois?

Bem, para começar, podemos seguramente descartar Osama bin Laden e seu bando de quarenta ladrões no Oriente Médio. Esses patetas não tinham nem a sofisticação nem a capacidade para realizar algo sequer próximo do 11 de setembro. Na verdade, o cartaz de “Terrorista Mais Procurado do FBI” para Osama bin Laden [nunca mencionou](#) uma ligação com o 11 de setembro, referindo-se apenas aos ataques a duas embaixadas dos EUA em 1998. Quando [questionado por um repórter](#) sobre a razão disso, o chefe de atividades de investigação do FBI, Rex Tomb, respondeu: “A razão pela qual o 11 de setembro não é mencionado na página de ‘Mais Procurados’ de Osama bin Laden é porque o FBI não tem provas concretas que liguem bin Laden ao 11 de setembro”. Desconhecido para muitos americanos, Osama bin Laden estava na [folha de pagamento da CIA](#) nos anos 80 durante a invasão soviética do Afeganistão, e sua família tem [laços comerciais de longa data](#) com alguns proeminentes *insiders* do *Establishment*. (Em 1978, George W. Bush e o irmão de Osama, Salem bin Laden, fundaram uma [empresa petrolífera sediada no Texas](#) chamada Arbusto Energy. Os bin Ladens e os Bushes eram [parceiros de negócios de longa data](#).)

Eventos terroristas altamente carregados como o 11 de setembro dependem de truques para enganar o público-alvo. O alto, moreno, de turbante, bin Laden era — para os americanos — o arquétipo perfeito da aparência de um terrorista.

Hollywood passou muitos anos a plantar essa imagem na mente do público na preparação para o 11 de setembro, e sua ideação enganosa teve o efeito pretendido. Brian Jenkins, da Rand Corporation, disse em 1974: **“O terrorismo visa às pessoas que estão a assistir, não às vítimas reais. O terrorismo é teatro”**. É importante ter essas palavras em mente ao examinar o 11 de setembro e outros eventos semelhantes, muitos dos quais são explicados ao público através de agentes israelenses como Rita Katz do SITE Intelligence Group.

Alguma percepção sobre o que uma operação como a do 11 de setembro implica foi fornecida pouco depois dos ataques por Eckhart Wertheback, ex-presidente do serviço de inteligência doméstico alemão *Verfassungsschutz*. [Wertheback disse ao jornalista de investigação Christopher Bollyn](#) no final de 2001 que “a precisão mortal” e “a magnitude do planejamento” teriam necessariamente exigido o “quadro fixo” de uma organização de inteligência estatal, algo não encontrado num “grupo solto” de terroristas como a al-Qaeda. Pouco depois, um segundo ex-chefe da inteligência alemã, Andreas von Bulow, disse a Bollyn: “O planejamento dos ataques foi técnica e organizacionalmente uma obra-prima... Sequestrar quatro aviões enormes em poucos minutos e, dentro de uma hora, guiá-los até seus alvos, com manobras de voo complicadas, isso é impensável sem anos de apoio de serviços de inteligência estatais”. Dando credibilidade significativa à avaliação dos alemães, o ex-analista da CIA e Diretor Adjunto de Contraterrorismo do Departamento de Estado dos EUA, Larry Johnson, disse sobre os ataques: “Não temos nada na história para comparar com isso. A única coisa que se aproxima disso é uma antiga operação da inteligência soviética”.

Claramente, os ataques de 11 de setembro foram uma operação extremamente sofisticada que exigiu muitos anos de planejamento e um imenso apoio governamental, militar e midiático para ser realizada com sucesso. A ideia de que um grupo extremista apátrida e desorganizado poderia realizar um crime dessa magnitude sem qualquer resistência significativa é simplesmente ridícula.

CUI BONO?

“Estamos nos beneficiando de uma coisa, e ela é o ataque às Torres Gêmeas e ao Pentágono, e a luta americana no Iraque.” — Benjamin Netanyahu, “Netanyahu says 9-11 attacks good for Israel”, Ha’aretz (16 de abril de 2008).

Quando ocorre um ato terrorista como o do 11 de setembro, a pergunta que sempre precisa ser feita é *cui bono*? Quem se beneficia? A razão pela qual é uma pergunta tão vital é porque a história nos ensinou que “aquele que se beneficia de um crime é provavelmente quem o cometeu”. No dia do 11 de setembro, quando se pensava que mais de 20.000 pessoas estavam mortas, um surpreendentemente animado Benjamin Netanyahu foi entrevistado pelo repórter James Bennett do

The New York Times: “Questionado esta noite sobre o que o ataque significava para as relações entre Estados Unidos e Israel, Benjamin Netanyahu, o ex-primeiro-ministro, respondeu: ‘É muito bom’. Depois, corrigiu-se: ‘Bem, não muito bom, mas vai gerar simpatia imediata.’” ([“A Day of Terror: The Israelis; Spilled Blood is Seen as Bond That Draws Two Nations Closer”](#), *The New York Times*, 12 de setembro de 2001).

Agora pergunte-se a si mesmo, quem, no seu perfeito juízo, descreveria o que tinha acabado de acontecer como “muito bom” por qualquer razão que fosse? Resposta: Apenas alguém que visse algum benefício na atrocidade. As declarações francas de Netanyahu citadas acima, proferidas com sete anos de intervalo, informam-nos que o 11 de setembro foi, sem dúvida, benéfico para Israel. Como explico no meu artigo recente [“Bibi’s War of Terror Agenda”](#) (“A Agenda da Guerra ao Terror de Bibi”), os estrategistas israelenses há muito buscavam arrastar os militares americanos para o Oriente Médio para travar guerras em nome de Israel. Tudo o que era necessário era a desculpa certa.

EVENTOS QUE ANTECEDERAM O 11 DE SETEMBRO DE 2001

“Todos os serviços de inteligência da América e da Europa sabem bem que o ataque desastroso foi planejado e realizado pelo Mossad.” — Francesco Cossiga, ex-presidente da Itália, *Corriere della Sera* (30 de novembro de 2007).

Um dos primeiros sinais de conhecimento prévio de Israel sobre os ataques surgiu em 1979, na forma de uma entrevista conduzida pelo jornalista judeu-americano Michael Evans com o fundador do Mossad, Isser Harel. Como Evans [recordou](#) ao *The Jerusalem Post* (30 de setembro de 2001):

“Sentei-me com o ex-chefe do Mossad Isser Harel para uma conversa sobre o terrorismo árabe. Enquanto ele me entregava uma xícara de chá quente e um prato de biscoitos, perguntei-lhe: ‘Você acha que o terrorismo chegará à América e, se sim, onde e por quê?’. Harel olhou para o seu visitante americano e respondeu: ‘Receio que virá para vocês na América. A América tem o poder, mas não a vontade, de combater o terrorismo...’. Quanto ao onde, Harel continuou: ‘A cidade de Nova York é o símbolo da liberdade e do capitalismo. É provável que eles ataquem o Empire State Building, o edifício mais alto de vocês [ele pensou erroneamente] e um símbolo do seu poder’. Vinte e um anos depois, a primeira parte da previsão de Harel tornou-se realidade; exceto, é claro, que as Torres Gêmeas do World Trade Center eram muito mais altas do que o Empire State Building”.

Em 1987, dois dos principais agentes de Isser Harel, Peter Zvi Malkin e Avraham Shalom-Bendor, obtiveram o contrato de segurança do WTC enquanto

trabalhavam para uma empresa de Shaul Eisenberg chamada Atwell Security de Tel Aviv. Malkin e Bendor trabalharam ambos sob Harel durante décadas e estiveram envolvidos em missões secretas do Mossad, incluindo o [contrabando de plutônio](#) e o rapto de Adolf Eichmann da Argentina em 1960. Harel foi eventualmente forçado a demitir-se como chefe do Mossad uma vez que suas atividades como parte da Operação Dâmocles foram expostas; estas incluíam o envio de cartas-bomba e o assassinato de cientistas alemães que trabalhavam ao lado de egípcios num programa de foguetes.



Os agentes do Mossad Avraham Shalom-Bendor e Peter Zvi Malkin garantiram o contrato de segurança do WTC em 1987 em nome da Atwell Security de Tel-Aviv, de Shaul Eisenberg.

O chefe de Peter Malkin e Shalom-Bendor na Atwell Security, o [magnata bilionário](#) Shaul Eisenberg, era um operativo do Mossad extremamente poderoso no Extremo Oriente que ajudou a formar grupos terroristas judeus como Irgun e Shanghai Betar. Ele também trabalhou de perto com Henry Kissinger durante a década de 1970, [contrabandeando armas](#) para gangues comunistas sedentos de sangue como os Khmer Vermelho de Pol Pot. Esses são os personagens desagradáveis que tentavam [adquirir o contrato de segurança do World Trade Center](#) já em 1987, um contrato que lhes teria dado também o controle dos aeroportos, portos e metrô de Nova York. Tudo estava a correr conforme o planejado até que a Autoridade Portuária de Nova York cancelou o acordo ao descobrir que Bendor foi condenado por assassinar dois adolescentes palestinos enquanto servia como chefe da agência de segurança interna israelense Shin Bet em 1984. Apesar desse pequeno revés, Bendor viria a trabalhar para a empresa de Jules Kroll e Maurice Greenberg, a Kroll Associates, a quem seria atribuído o contrato de segurança para o complexo do World Trade Center após o atentado com caminhão-bomba [instigado pelo FBI](#) em 1993.

PRIVATIZAÇÃO

Com o contrato de segurança do World Trade Center em mãos sionistas, o próximo objetivo era adquirir a propriedade das colossais maravilhas da engenharia.

Desde o dia em que foram inauguradas em 1972, as Torres Gêmeas eram propriedade estatal, sob a gestão da Autoridade Portuária de Nova York e Nova Jersey. Mas, por volta de 2000, os funcionários da cidade estavam ansiosos por se livrar das propriedades desatualizadas e cheias de amianto, cujo restauro custaria bilhões de dólares. Ronald Lauder foi o homem que chefiou a Comissão de Privatização do Estado de Nova York do Governador Pataki e o Conselho de Investigação sobre Privatização do Estado de Nova York, e foi ele quem decidiu, em última análise, que o WTC 1 e o WTC 2 deveriam ser privatizados pela primeira vez. Lauder é o chefe de longa data do Congresso Judaico Mundial e foi descrito como o grande responsável pela ascensão política de Benjamin Netanyahu. Ele tem conexões com a inteligência israelense através do seu financiamento do Centro Interdisciplinar em Herzliya, onde estabeleceu a *Lauder School of Government, Diplomacy and Strategy* (Escola Lauder de Governo, Diplomacia e Estratégia). Além disso, Lauder e seu bom amigo Ehud Barak foram [ambos membros](#) do “Mega Group” de Leslie Wexner, que foi a força financeira motriz por trás das atividades internacionais de Jeffrey Epstein.



Ronald Lauder é o chefe de longa data do Congresso Judaico Mundial e foi descrito como o grande responsável pela ascensão política de Benjamin Netanyahu.

A privatização do complexo do WTC abriu caminho para que os ultra-sionistas Larry Silverstein e Frank Lowy adquirissem uma arrendamento de 99 anos da propriedade em julho de 2001, que incluía uma apólice de seguro reformulada que dobrava sua cobertura em caso de um ataque terrorista. Os edifícios foram segurados pela Ace Limited e pela Marsh McLennan, ambas propriedade de Jules Kroll e Maurice Greenberg, que pouco depois transferiram a responsabilidade para várias outras empresas que muito em breve sofreriam o prejuízo. Após os ataques,

Silverstein receberia um pagamento de seguro de 4,55 bilhões de dólares, apesar de ter investido apenas 14 milhões de dólares do seu próprio bolso para comprar as propriedades. Foi um caso clássico do que os nossos antepassados teriam chamado de “relâmpago judeu”. Silverstein é um amigo muito próximo de Benjamin Netanyahu (o *Ha'aretz* reportou que eles [conversavam ao telefone todos os domingos durante anos](#)), e Frank Lowy foi outrora membro da Brigada Golani de Israel e do grupo terrorista clandestino Haganah. O presidente da Autoridade Portuária de Nova York, Lewis Eisenberg (outro comparsa de Netanyahu), negociou o acordo e tanto Silverstein como Eisenberg foram membros do conselho da Federação da United Jewish Appeal (UJA) de Nova York, o maior organismo de angariação de fundos para Israel na América. Se tudo isso não fosse suficiente, por acaso o assessor sênior de Lewis Eisenberg na época, Michael Glassner, era o Diretor Político Regional do Sudoeste do mega-grupo de *lobby* sionista, AIPAC!



Após o 11 de setembro, o co-proprietário do WTC, Larry Silverstein, recebeu um pagamento de seguro de US\$ 4,55 bilhões, apesar de ter investido apenas US\$ 14 milhões do seu próprio dinheiro para comprar as propriedades.

Além de deter o arrendamento do WTC 1 e 2, Larry Silverstein era proprietário do WTC 7, o “edifício Solomon Brothers”, que misteriosamente desmoronou em sua própria base a uma velocidade de queda livre às 17h20 da tarde do 11 de setembro, apesar de não ter sido atingido por nenhum avião. Durante uma transmissão da PBS de *America Rebuilds* em 10 de setembro de 2002, Silverstein pareceu admitir que o edifício foi demolido com o uso de explosivos pré-plantados,

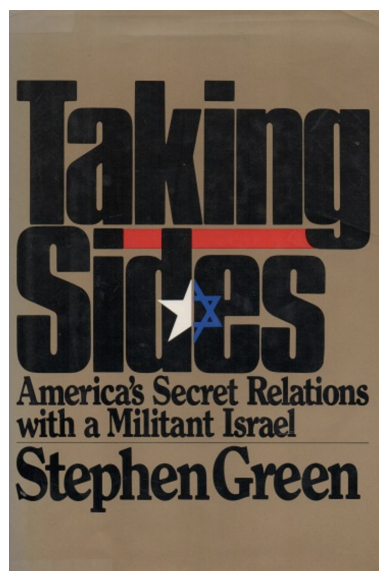
recordando: “Lembro-me de receber uma ligação do comandante do corpo de bombeiros e eles disseram que não tinham a certeza se conseguiriam conter o fogo. Eu disse, sabem, tivemos uma perda de vidas tão terrível que a coisa mais inteligente a fazer é ‘puxá-lo’. E eles tomaram essa decisão de ‘puxar’ e nós vimos o edifício desabar”.

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Wq-OJIR38V0>

O chefe dos bombeiros de Nova York (FDNY), Daniel Nigro, o comandante mencionado em serviço, diz que [nunca falou com Silverstein](#) naquele dia e não sabe de ninguém que o fez: “Estou bem ciente da declaração do Sr. Silverstein, mas, pelo que me lembro, não falei com ele naquele dia e não me recordo de ninguém me dizer que o fez”.

CONHECIMENTO PRÉVIO E PREPARAÇÃO

“Em março de 1948, um documento do Estado-Maior Conjunto sobre ‘Requisitos de Força para a Palestina’... previa que ‘a estratégia sionista buscará envolver os Estados Unidos numa série de operações cada vez mais amplas e profundas destinadas a garantir os máximos objetivos judaicos.’” — Stephen Green, *Taking Sides, America's Secret Relations with a Militant Israel* (1984).



Stephen Green, *Taking Sides: America's Secret Relations with a Militant Israel* (Amana Books, 1988)

Existem numerosas indicações de conhecimento prévio israelita dos ataques de 11 de setembro.

Pouco depois dos ataques de 11 de setembro, [cinco israelenses foram presos e mantidos sob custódia durante 71 dias](#). De acordo com a [ABC News](#), os homens estavam a filmar e a celebrar quando o primeiro avião atingiu a Torre Norte, e o

Ha'aretz (17 de setembro de 2001) relatou que eles foram vistos a “festejar” e a berrar “gritos de escárnio”, o que levou testemunhas preocupadas a chamar a polícia. Os homens foram presos naquela tarde pela polícia do Condado de Bergen, N.J., que revelou que eles transportavam múltiplos passaportes estrangeiros, estiletes, 4.700 dólares em dinheiro e mapas marcados de forma suspeita que os ligavam ao plano. Além disso, cães farejadores de explosivos trazidos para inspecionar a van detectaram resíduos explosivos. O chefe de polícia do Condado de Bergen, John Schmidig, [disse à imprensa](#): “Recebemos um alerta para estarmos atentos a uma van Chevrolet branca com matrícula de Nova Jersey e escrita na lateral... Três indivíduos foram vistos celebrando no Liberty State Park após o impacto. Disseram que três pessoas estavam pulando para cima e para baixo”. O jornal de Nova Jersey *Bergen Record* relatou o incidente no dia seguinte num artigo em que o repórter Paulo Lima citou uma fonte que lhe disse: “Há mapas da cidade no carro com certos locais destacados. Parece que eles estão envolvidos nisso. Parecia que eles sabiam o que ia acontecer quando estavam no Liberty State Park”. Mais tarde, revelou-se que dois dos homens — Sivan e Paul Kurzberg — trabalhavam para o Mossad, e os outros — Yaron Schmucl, Oded Ellner e Omer Maramari – também tinham ligações à agência de inteligência. Eles ficaram desde então conhecidos como os “israelitas dançantes”.

A empresa sediada em Nova Jersey para a qual esses homens trabalhavam, a Urban Moving Systems, era uma conhecida fachada do Mossad. O respeitado jornal judaico [The Forward](#) (15 de março de 2002) relatou que a Urban Moving Systems tinha sido reconhecida pelo FBI como uma fachada para a inteligência israelense, e Vincent Cannistraro, um chefe de operações de contraterrorismo da CIA, confirmou que dentro da comunidade de inteligência esse fato era de conhecimento comum. Após ser interrogado uma vez pelas autoridades, o proprietário da Urban Moving Systems, Dominik Suter, fechou imediatamente as portas e fugiu de volta para Israel com tanta pressa que nem sequer se deu ao trabalho de limpar seus escritórios. Repórteres da ABC News que visitaram a sede da empresa descreveram a cena: “Parecia que tinha sido fechada com muita pressa. Celulares estavam espalhados; telefones de escritório ainda estavam conectados; e a propriedade de dezenas de clientes permanecia no armazém.” (Fonte: [ABC News, 24/06/2002](#)).

Os cinco homens presos por filmar e celebrar o ataque foram detidos durante 71 dias e depois libertados para Israel por ordem do Procurador-Geral Adjunto/cidadão duplo israelense, Michael Chertoff. Um relatório no *Ha'aretz* afirmou que houve uma forte pressão em seu nome por “dois proeminentes congressistas de Nova York”, enquanto o jornalista Christopher Ketcham do [Counterpunch](#) (7 de março de 2007) relatou que nada menos que o advogado de Jeffrey Epstein, Alan Dershowitz, interveio pessoalmente para suavizar as coisas

com o governo dos EUA. Uma vez de volta a Israel, três dos cinco homens apareceram no programa de televisão de Yair Lapid e falaram sobre o seu tempo na América. Quando questionados sobre o que estavam a fazer tão perto do local do crime, Oded Ellner respondeu: **“O nosso objetivo era documentar o evento”**.

[O vídeo desse trecho da entrevista pode ser visto no artigo original: <https://truthblitzkrieg.com/2024/09/02/1379/>]

O chefe do Departamento de Polícia de Nova York (NYPD) que supervisionou a resposta policial aos ataques de 11 de setembro foi Bernard Kerick. Kerick [contradiisse](#) os relatos de [agentes israelenses](#) presos em NYC no 11 de setembro e impediu que informações saíssem dos seus departamentos de polícia. Menos de duas semanas antes do 11 de setembro, a 26 de agosto de 2001, Kerick estava em Israel reunindo-se com o bilionário Eitan Wertheimer, que lhe deu um “empréstimo sem juros de 250.000 dólares”. A 8 de novembro de 2007, Kerik foi indiciado por um grande júri federal em White Plains, Nova York, sob acusações de fraude fiscal e de fazer declarações falsas ao governo federal sobre os 250.000 dólares que recebeu de Wertheimer. Os promotores também acusaram Kerik de ter recebido cerca de 236.000 dólares do magnata judeu do ramo imobiliário Steven C. Witkoff entre 2001 e 2003.

Uma empresa de mensagens instantâneas de propriedade israelense chamada Odigo foi usada para transmitir um aviso horas antes dos ataques, instruindo seus destinatários a manterem-se afastados do WTC no dia 11 de setembro (a sede norte-americana da Odigo ficava a apenas dois quarteirões do WTC). Alex Diamandis, vice-presidente da empresa, disse: “As mensagens diziam que algo grande ia acontecer num determinado período de tempo, e aconteceu — quase ao minuto. É possível que o aviso do ataque tenha sido transmitido a outros membros da Odigo, mas a empresa não recebeu relatos de outros destinatários da mensagem”. O CEO da Odigo, Micha Macover, disse ao [Ha'aretz](#) (26 de setembro de 2001): “Não faço ideia por que razão a mensagem foi enviada... Pode ter sido alguém que estava a brincar e acabou por acertar acidentalmente”. A história foi relatada na imprensa israelense, bem como por Brian McWilliams do *Newsbytes* a 27 de setembro de 2001. De acordo com um relatório online no *Jerusalem Post* (12 de setembro de 2001), [mais tarde confirmado](#) pelo editor-chefe do jornal, Bret Stephens (‘Letters’, *The Economist*, 9 de janeiro de 2003), o ministério dos negócios estrangeiros de Israel tinha compilado os nomes de 4.000 israelitas que se pensava estarem na área do WTC na altura dos ataques, mas apenas um foi relatado como morto. A Odigo tinha uma funcionalidade chamada “People Finder” que permitia o envio de mensagens para grandes grupos com base em características comuns, como a nacionalidade.

A ZIM shipping, uma grande empresa israelense outrora propriedade de Shaul Eisenberg, tinha um escritório de 10.000 pés quadrados na Torre Norte do World Trade Center. Uma semana antes do 11 de setembro, a ZIM desocupou seu escritório, perdendo um depósito de segurança de 50.000 dólares ao quebrar seu contrato de arrendamento para fazê-lo. O CEO Shaul Cohen-Mintz disse ao *USA Today* a 17 de novembro de 2001, que foi "como um ato de Deus, nós mudamos". Um ato de Deus ou conhecimento do plano? O agente do FBI Michael Dick, que investigava espões israelenses suspeitos de envolvimento nos ataques, começou a investigar a ZIM. Foi imediatamente afastado de suas funções por Michael Chertoff.

Um relatório emitido semanas antes do 11 de setembro pela Escola de Estudos Militares Avançados (SAMS) do Exército dos EUA alertava para a agência de inteligência israelita Mossad: "Implacável e astuta, com a capacidade de alvejar forças dos EUA e fazer com que pareça um ato palestino-árabe". O relatório foi publicado como [matéria de capa](#) pelo *The Washington Times* a 10 de setembro de 2001.

Pouco antes do 11 de setembro, uma quantidade anormal de [opções de venda](#) (*put options*) foi comprada na United Airlines (UA) e na American Airlines (AA). Uma opção de venda é colocada em ações cujo valor futuro se pensa estar prestes a sofrer um declínio imediato. Cerca de 95% das opções de venda da UA foram compradas a 6 de setembro de 2001, e 115.000 ações da AA foram compradas a 10 de setembro. Essas compras foram 25 vezes superiores ao normal. A 15 de outubro de 2001, a Organização Internacional das Comissões de Valores afirmou que os lucros das opções de venda, que também foram adquiridas em várias empresas sediadas nos edifícios do World Trade Center, ascenderiam a centenas de milhões de dólares e poderiam ser a "maior negociação com base em informações privilegiadas já cometida". Claramente, alguém "bem informado" teve um "pressentimento" de que as ações iriam cair muito em breve e buscou lucrar com isso. A empresa que tratou de todas as opções de venda foi a AB Brown Investment Bank, uma subsidiária do Deutsche Bank. Na época do 11 de setembro, o Diretor Executivo da CIA era Alvin "Buzzy" Krongard, ex-CEO e presidente da AB Brown Investment Bank. Como relatado no [Independent](#) do Reino Unido (14 de outubro de 2001), **"Para o embaraço dos investigadores, também surgiu que a firma usada para comprar muitas das 'opções de venda' — onde um trader, efetivamente, aposta na queda do preço das ações — foi dirigida até 1998 por 'Buzzy' Krongard, agora diretor executivo da CIA"**. Tanto a AB Brown como Alvin Krongard tinham fortes ligações como o Estado israelense através das suas conexões com a empresa de Yair Shamir, a Scitex. A esposa de Krongard, Sheryl Gordon, foi funcionária de longa data da Rothschild Asset Management.

Em junho de 2001, a Agência Antidrogas dos EUA (DEA) compilou um relatório interno de 60 páginas detalhando a existência de um grande círculo de espionagem israelense ativo em solo americano. O relatório foi vazado para a mídia em dezembro de 2001 e revelou que 200 jovens israelenses, muitos com ligações à inteligência militar, tinham sido presos como espões nos meses que antecederam o 11 de setembro. Os espões israelenses tinham tentado infiltrar-se nos escritórios da DEA e de outros edifícios federais usando a cobertura de “estudantes de arte” para obter entrada. O relatório afirmava que a maioria dos “estudantes de arte” admitiu ter servido em unidades das forças armadas israelenses “especializadas em inteligência militar, interceptação de sinais eletrônicos ou engenharia explosiva”. Um dos homens presos era guarda-costas do chefe do exército israelense, enquanto outro, Aran Ofek, era filho de um notório general israelense. Peer Segalovitz, um dos presos, serviu no 605º Batalhão nas Colinas de Golã e “reconheceu que poderia explodir edifícios, pontes, carros e qualquer outra coisa que precisasse”, afirmou o relatório da DEA.

O repórter da *Fox News*, Carl Cameron, produziu uma [reportagem de quatro partes](#) sobre o círculo de espões em dezembro de 2001, na qual disse que outros 60 israelenses tinham sido presos e detidos sob leis antiterrorismo na sequência do 11 de setembro, e entre eles estavam “um punhado de militares israelenses ativos”. Muitos desses homens viviam em Hollywood, Flórida, muito perto dos alegados sequestradores do 11 de setembro. De fato, Hanan Serfaty, oficial de inteligência militar israelense transformado em “estudante de arte”, alugou um apartamento na 4220 Sheridan Street, enquanto Mohammed Atta vivia na 3389 Sheridan Street! “Coincidências” semelhantes na proximidade de residência existiam em seis outros centros urbanos na preparação para o 11 de setembro. Não pode haver dúvida de que os israelenses estavam a tramar algo prejudicial aos interesses americanos pouco antes do 11 de setembro. Num [artigo de 7 de maio de 2002 para a *Salon*](#), o jornalista Christopher Ketcham escreve: **“Durante quase dois anos, centenas de jovens israelenses, fingindo falsamente ser estudantes de arte, assombraram escritórios federais — em particular, a DEA. Ninguém sabe por quê — e ninguém parece querer descobrir”.**

Em dezembro de 1998, Philip Zelikow, Ashton Carter e John Deutch (todos judeus) escreveram um relatório para a *Foreign Affairs* intitulado “Catastrophic Terrorism: Tackling the New Danger” (“Terrorismo Catastrófico: Enfrentando o Novo Perigo”). A primeira seção do relatório, “Imagining the Transforming Event” (“Imaginando o Evento Transformador”), alertava que o terrorismo catastrófico estava a chegar à América, talvez já “no próximo mês”, e detalhava como a América deveria responder, e como o país poderia mudar como resultado disso. Philip Zelikow escreveu que um ataque terrorista catastrófico na América, como a destruição do World Trade Center, seria um “evento transformador”, um

“evento divisor de águas na história americana” que, “como Pearl Harbor, dividiria o nosso passado e futuro num antes e depois”. O “depois” apresentaria “medidas draconianas, redução das liberdades civis, permitindo uma vigilância mais ampla dos cidadãos, detenção de suspeitos e uso de força letal”. Demorou mais de dois anos a materializar-se, mas muito do que foi escrito concretizou-se no rescaldo do 11 de setembro, quando o grupo do PNAC (Project for the New American Century) obteve o seu tão esperado “novo Pearl Harbor”.

Zelikow, que escreveu sua tese de doutoramento sobre “The Creation and Maintenance of the Public Myth” (“A Criação e Manutenção do Mito Público”), foi nomeado Diretor Executivo da Comissão do 11 de setembro por George W. Bush. Tanto Ashton Carter (Secretário da Defesa sob Obama) como John Deutch (Diretor da CIA de 1995–96) eram parceiros sêniores da Global Technology Partners, uma afiliada exclusiva da Rothschild North America, quando “Catastrophic Terrorism” foi escrito. Deutch declarou-se culpado por má gestão de segredos do governo em 2001 e foi perdoado por Bill Clinton em seu último dia no cargo.

“SEGURANÇA” AEROPORTUÁRIA

“Um dia, talvez, se for decidido que as histórias podem ser contadas, você verá que o Estado [Israel] esteve envolvido em atos que são mil vezes mais sujos do que qualquer coisa que se passe em Columbia.” — Tenente-General Rafael Eitan, “The Columbia Connection”, *The Jerusalem Post* (1º de setembro de 1989).

A empresa responsável pela segurança e triagem de passageiros nos aeroportos de onde partiram os voos sequestrados era uma empresa israelita chamada Huntleigh USA, uma subsidiária integral da International Consultants on Targeted Security (ICTS).

A ICTS foi fundada em 1982 pelos israelenses Menachem Atzmon e Ezra Harel, e estava sob o controle de Lior Zouker a 11 de setembro de 2001. A empresa emprega muitos agentes da agência de segurança interna israelense Shin Bet, que também trata da segurança da companhia aérea israelense El Al, uma [empresa bem conhecida](#) pelo seu papel no contrabando internacional de cocaína. Menachem Atzmon foi condenado à prisão em 1996 por crimes financeiros cometidos enquanto servia ao lado de Ehud Olmert como co-tesoureiro da campanha política de Benjamin Netanyahu. Olmert (primeiro-ministro de Israel de 2006 a 2009) viria ele próprio a ser preso por acusações de corrupção em 2016. Curiosamente, ele por acaso estava na cidade de Nova York no dia anterior ao 11 de setembro, mas esse fato só foi noticiado anos mais tarde num artigo do *Jerusalem Post* que descrevia a venda, por Olmert, a 10 de setembro de 2001, do clube de futebol

Beitar a dois empresários americanos/israelenses em NYC. Olmert era o prefeito de Jerusalém na época do 11 de setembro. Ficamos a pensar por que sua visita foi mantida em segredo. Mas divago...

A ICTS tem sede na Holanda e é dirigida por operativos dos serviços secretos israelenses desde sua fundação. É propriedade da Cukierman & Co., cujo fundador, Roger Cukierman, é um ex-CEO do Edmund de Rothschild Group e presidente do Israel General Bank. Significativamente, Roger Cukierman foi também presidente do Catalyst Fund de Boaz Harel, que nomeou o filho do primeiro-ministro Yitzhak Shamir, Yair Shamir, para um cargo de liderança em 1995. A subsidiária da ICTS, Huntleigh USA, é dirigida por ex-membros das Forças de Defesa de Israel (IDF) e da Shin Bet. A 11 de setembro, a empresa controlava a segurança e a triagem de passageiros no Aeroporto Logan de Boston e no Aeroporto de Newark, em Nova Jersey, o que é significativo porque quem quer que tenha sequestrado os aviões de passageiros deve ter sido autorizado a embarcar com armas mais impressionantes do que estiletes. A ICTS tem um longo histórico de falhas de segurança suspeitas e estava encarregada da segurança nos seguintes locais de atentados:

- Aeroporto Charles de Gaulle, em Paris, onde o “homem-bomba do calçado” Richard Reid embarcou no seu voo em 2001.
- Aeroporto Internacional Domodedovo de Moscovo, onde 37 pessoas foram mortas e 173 feridas num atentado em 2011.
- Aeroporto de Bruxelas, onde 32 pessoas foram mortas e mais de 300 feridas num atentado em 2016 atribuído ao ISIS.
- Metrô de Londres a 7 de julho de 2007, onde bombas explodiram simultaneamente em três comboios do metrô e num ônibus, matando 52 pessoas e ferindo mais de 700. Ficaria conhecido como os ataques de 7/7. Quase imediatamente após as explosões, o chefe do Mossad, Efraim Halevy, escreveu no [*The Jerusalem Post*](#) sobre “múltiplas explosões simultâneas que ocorreram hoje no sistema de transportes de Londres”, embora ninguém, incluindo a polícia de Londres, soubesse que as explosões eram simultâneas até mais tarde. Curiosamente, o escritório da ICTS UK está localizado na Tavistock Square, exatamente onde a bomba no autocarro foi detonada, e Benjamin Netanyahu estava em Londres na altura. A empresa israelita Comverse/Verint obteve o contrato para instalar “sistemas de vídeo em rede” no metrô de Londres um ano antes dos ataques de 7/7. Quem diria que os sistemas de vigilância iriam falhar naquele dia em particular?
- Aeroporto de Schiphol, em Amsterdã, onde Umar Farouk Abdulmutallab, filho de um líder empresarial e bancário nigeriano e ex-ministro do Desenvolvimento Econômico, foi autorizado a embarcar num avião com a

sua roupa interior cheia de explosivos. Esse incidente abriu caminho para a implementação dos scanners corporativos invasivos da Rapiscan nos aeroportos. O grupo de Michael Chertoff, apropriadamente chamado “Chertoff Group”, que se concentra na gestão de segurança/risco e se gaba de “tornar o mundo mais seguro”, por acaso representava a Rapiscan e fez uma fortuna com a implementação. Dizia-se que o Chertoff Group tinha armazéns cheios dos scanners prontos para serem usados mesmo antes do “homem-bomba da roupa interior” ter passado pela segurança da ICTS com explosivos em sua roupa íntima.

O ACOBERTAMENTO

Para acobertar um crime da magnitude do 11 de setembro, há [três aspetos cruciais](#) que devem ser controlados:

- Controlar a interpretação inicial e o legado duradouro, ou seja, como o evento é explicado ao público.
- Controlar a investigação e o acesso às evidências.
- Controlar o litígio para evitar a descoberta legal.

INTERPRETAÇÃO

Ehud entrega a narrativa

Na manhã do 11 de setembro, Ehud Barak, ex-primeiro-ministro de Israel, comandante da elite Sayeret Matkal e chefe das Forças de Defesa de Israel (IDF), estava convenientemente situado nos estúdios da BBC em Londres, pronto para dizer a todo o mundo quem era o responsável pelos ataques daquele dia. Numa altura de extrema confusão em que supostamente ninguém deveria ter ideia do que se estava a passar e o aparato de inteligência/vigilância mais sofisticado que o mundo já conheceu foi tornado inepto quatro vezes num só dia, eis que o ex-primeiro-ministro de Israel indicava que sabia quem o tinha feito — “Osama bin Laden” — e que sabia onde ele estava escondido — “Afeganistão”. Ele anunciou então que era hora de a América lançar uma “guerra operacional concreta contra o terror” no Oriente Médio, exatamente como os estrategistas israelenses tinham planeado durante décadas! Essa explicação dos eventos, transmitida a partir dos estúdios da BBC momentos após os ataques e muito antes de qualquer coleta de evidências ter começado, tornou-se a narrativa oficial aceita inquestionavelmente por políticos e imprensa. Isso nunca mudou.



O ex-primeiro-ministro de Israel, Ehud Barak, na BBC News na manhã de 11 de setembro, pediu que os Estados Unidos lançassem uma “guerra operacional concreta contra o terror”.

Ehud Barak está ligado a todos os níveis da rede criminoso sionista responsável pelo 11 de setembro. Como chefe da inteligência militar israelense (AMAN) nos anos 80, Barak armou e treinou o grupo islâmico virulentamente anti-ocidental de Gulbuddin Hekmatyr, incluindo o agente da CIA Osama bin Laden, para criar o perfeito bicho-papão para a *forthcoming* “Guerra ao Terror”. Ele foi auxiliado nessa operação pelo congressista norte-americano Charlie Wilson e pelo seu principal assistente/manipulador, o israelense Zvi Rafiah. O homem que Barak designou para treinar bin Laden e Hekmatyr foi o agente duplo de língua hebraica e ativo da CIA Ali Mohammad, que de alguma forma desapareceu sem deixar rasto do sistema prisional dos EUA enquanto cumpria uma sentença de prisão perpétua pelo seu papel na organização dos atentados a duas embaixadas dos EUA em África em 1998. Relacionar todas as conexões de Barak com o submundo criminoso internacional exigiria uma obra de volume considerável. No entanto, vale a pena notar que Barak era um associado próximo e parceiro de negócios de Jeffrey Epstein através do seu envolvimento numa empresa chamada Carbyne, no conselho da qual se sentava Michael Chertoff. Como Gidi Weitz relatou no jornal israelita *Ha'aretz* (11 de julho de 2019): [Revelado: Jeffrey Epstein fez parceria milionária com Ehud Barak em 2015](#).

O financista bilionário americano Jeffrey Epstein, um criminoso sexual registado que foi preso esta semana sob novas acusações de tráfico sexual envolvendo

meninas menores de idade, fez uma parceria com o ex-primeiro-ministro Ehud Barak para investir na startup do ex-primeiro-ministro.

Em 2015, Barak criou uma sociedade limitada, da qual é o único acionista. Essa empresa investiu na Reporty Homeland Security, fundada em 2014, tornando-se um acionista majoritário. No ano passado, a Reporty mudou o seu nome para Carbyne. A empresa desenvolve capacidades de atendimento de chamadas e identificação para serviços de emergência.

Barak é o presidente da Carbyne e, de acordo com relatos da imprensa empresarial, seu investimento pessoal na empresa totaliza milhões de dólares. O *Ha'aretz* soube que Epstein financiou uma parte considerável do investimento, tornando-se assim um parceiro no projeto.

Curiosamente, o primo em primeiro grau de Barak, David Brog, foi durante muito tempo chefe de gabinete do senador da Pensilvânia Arlen Specter, que, como jovem advogado judeu da Comissão Warren, inventou a ridícula teoria da “bala mágica” para explicar anomalias flagrantes no assassinato do presidente John F. Kennedy. As impressões digitais israelenses estão por todo o lado nos assassinatos de JFK e do seu irmão Bobby. *Final Judgment* de Michael Collins Piper e *The Unspoken Kennedy Truth* de Laurent Guyénot são livros de leitura obrigatória.



Michael Collins Piper, *Final Judgment: The Missing Link in the JFK Assassination Conspiracy* (Center for Historical Review, 1994); e Laurent Guyénot, *The Unspoken Kennedy Truth* (2021).

A Hora de Hauer

Pouco depois de Ehud Barak ter informado todo o mundo anglófono de que a América precisava de lançar uma “guerra operacional ao terror” no Oriente Médio, outro agente sionista dedicado começou a fazer suas rondas na televisão

americana. A 11 de setembro, Jerome Hauer era o diretor-geral da Kroll Associates, a empresa responsável pela segurança do World Trade Center. Ele havia servido anteriormente como diretor do Gabinete de Gestão de Emergências (OEM) do prefeito Giuliani de 1996 a 2000 e liderou a construção de um bunker de comando crucial de 13 milhões de dólares no 23º andar do WTC 7, a partir do qual todas as frequências de comunicação de emergência de Nova York podiam ser monitoradas. Como tantos outros nessa saga, Hauer tem profundas raízes sionistas. Sua mãe foi outrora presidente honorária do capítulo de Hadassah de Nova York das Filhas de Sião.

Minutos após a queda das torres, Jerome Hauer apareceu na CBS News com Dan Rather para entregar a história oficial do governo aos telespectadores da rede. Hauer afirmou que as torres caíram simplesmente por terem sido atingidas por aviões e pelos fogos resultantes, o que, disse, enfraqueceu a integridade estrutural dos edifícios, fazendo com que desabassem. Ele também avisou que “os destroços bloquearam o acesso ao Edifício 7 e eles estão preocupados com a estabilidade estrutural”. Nunca antes um arranha-céus com estrutura de aço havia colapsado devido a um incêndio, portanto, para ele dizer que “eles estão preocupados com a sua estabilidade estrutural” em relação ao WTC 7 era ridículo. O que Hauer estava realmente a fazer era preparar o público para o que ele sabia que iria acontecer mais tarde, às 17:20, quando o WTC 7 desafiou as leis da física e desabou em sua própria base na velocidade de queda livre, apesar de não ter sido atingido por nenhum avião e de sofrer apenas de fogos de escritório relativamente menores. No entanto, o conto de fadas ridículo de Hauer iria tornar-se história oficial e sua conversa fiada sobre a destruição das Torres Gêmeas seria adotada três anos mais tarde pelo gravemente falho Relatório da Comissão do 11 de Setembro, escrito na sua totalidade pelo co-conspirador Philip Zelikow. Talvez não por coincidência, foi a recomendação de Hauer que conseguiu ao ex-chefe antiterrorismo do FBI, John O’Neil, seu emprego como chefe de segurança da Kroll Associates. O’Neil tinha-se queixado amargamente de que as suas investigações sobre a al-Qaeda e Osama bin Laden estavam a ser sabotadas por pessoas dentro do próprio FBI. Ele morreu nos ataques de 11 de setembro, em seu primeiro dia no novo emprego.

Bush e Fleischer

Enquanto tudo isso acontecia, o Presidente George W. Bush estava sentado a mil milhas de distância, numa sala de aula de uma escola primária, como um tolo a ser atualizado sobre os eventos em curso pelo seu porta-voz israelense Ari Fleischer. Não é possível saber que nível de percepção o bufão Boy Bush tinha sobre o planejamento do 11 de setembro. Seu pai, que estava reunido com o grupo de elite de David Rubinstein, o Carlyle Group, naquela manhã, provavelmente sabia muito

mais. Boy Bush provavelmente era considerado um risco para a operação devido à sua incompetência mental, o que explica por que foi manobrado para longe do caminho enquanto o cidadão duplo israelense/americano Ari Fleischer entrava em ação.

Foi Fleischer quem segurou um cartaz escrito à mão no fundo da sala de aula para Bush, que dizia “Não diga nada ainda”. Ele então preparou pessoalmente o discurso de Bush para a nação, palavra por palavra, enquanto ainda estava na Escola Primária Emma E. Brooker. Incrível! O jornalista de investigação Christopher Bollyn [pergunta](#): “Como é que Fleischer sabia o que o presidente deveria dizer quando virtualmente nada se sabia sobre quem estava por trás do crime?”. “Fleischer não era apenas um sionista dedicado, seu irmão mais velho era o presidente de uma empresa de propriedade israelense, detida e controlada por veteranos da força aérea israelense, um dos quais era um parceiro de negócios numa empresa com Ehud Barak”. Ari Fleischer é um dos principais suspeitos na operação do 11 de setembro e, não surpreendentemente, foi um grande defensor da desastrosa guerra do Iraque. Ele também é membro do Chabad Lubavitch, o grupo religioso ortodoxo extremo liderado durante décadas pelo terrível racista e odiador de gentios Menachem Mendel Schneerson.

Controle da investigação

O 11 de setembro foi o pior caso de assassinato em massa na história da América, mas mesmo assim nunca foi investigado como um crime e ninguém foi jamais responsabilizado num tribunal. Em vez dos procedimentos legais padrão, o governo declarou os ataques um “ato de guerra”, tornado possível pelo ataque ao Pentágono, e a América apressou-se a invadir países pré-selecionados no Oriente Médio enquanto as evidências do maior local do crime na história dos EUA eram rapidamente destruídas.

As milhares de toneladas de aço removidas do local do WTC, que teriam provado se foram ou não usados explosivos para demolir as torres, foram cortadas em pequenos pedaços, misturadas com outras sucatas e enviadas para a China numa altura em que o preço do aço era de apenas 80 dólares por tonelada, o mais baixo em cinquenta anos. Num [artigo de janeiro de 2002](#) para a revista *Fire Engineering*, o editor Bill Manning denunciou a destruição de evidências cruciais: **“Por mais de três meses, o aço estrutural do World Trade Center tem sido e continua a ser cortado e vendido como sucata. Evidências cruciais que poderiam responder a muitas questões sobre práticas de projeto de edifícios de grande altura e desempenho em condições de incêndio estão no lento barco para a China... A destruição e remoção de provas deve parar imediatamente”.**

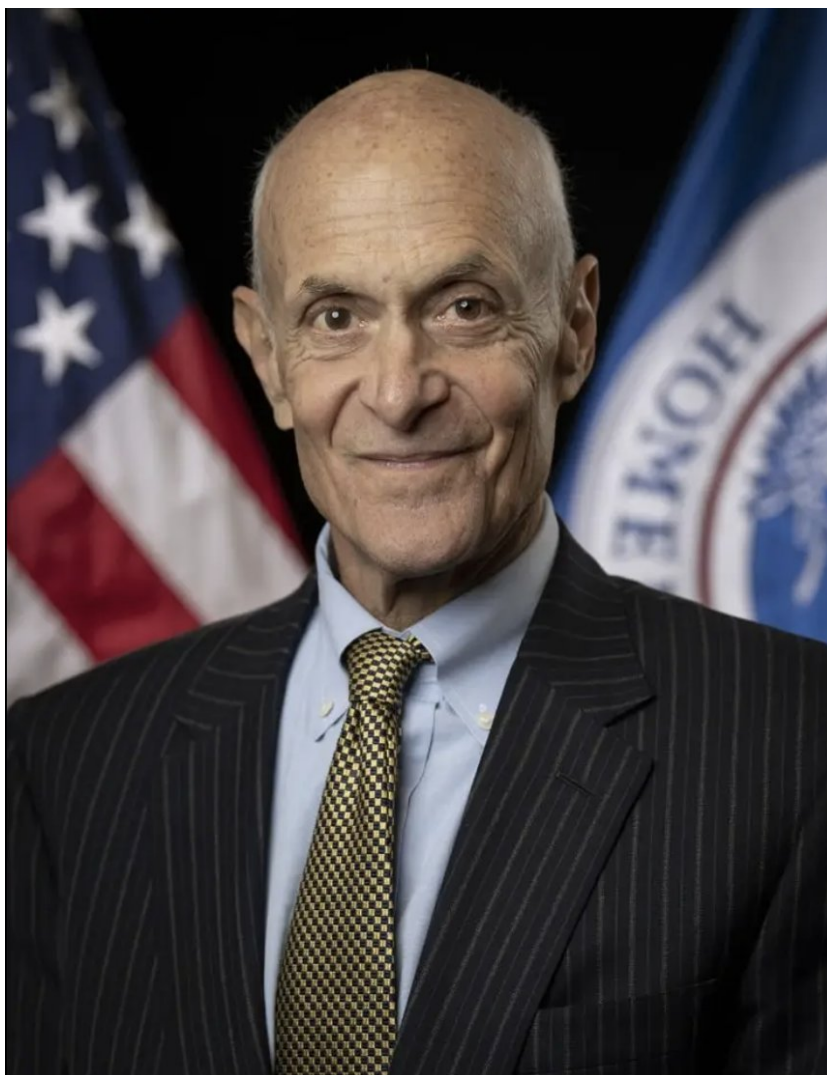
O homem que supervisionou a destruição dessas evidências cruciais foi o Procurador-Geral Adjunto Michael Chertoff.

Chertoff é um cidadão israelense que co-escreveu a lei Patriota (Patriot Act), que destrói liberdades, e foi nomeado chefe da Segurança Interna (Homeland Security) em 2005. Sua mãe, Livia Eisen, foi uma das primeiras agentes do Mossad, e seu pai, um rabi que ensinava o Talmude, lecionou no Seminário Teológico Judaico de NYC, uma proeminente *yeshiva* que liga alguns dos principais intervenientes no 11 de setembro e noutros crimes sionistas, como o esquema de Ponzi de Bernie Madoff.

Um artigo de 2005 no *USA Today* fornece alguma percepção do poder que Chertoff exerceu imediatamente após os ataques de 11 de setembro:

“Nos minutos após os ataques terroristas de 11 de setembro, enquanto o Procurador-Geral John Ashcroft regressava apressadamente de Milwaukee, Michael Chertoff estava a dar as ordens.

Chertoff, então chefe da divisão criminal do Departamento de Justiça, violou as espinhosas linhas territoriais que há muito dividiam o Departamento de Justiça do FBI. A partir de um escritório no quinto andar da sede do FBI, acima dos rios de pessoas em pânico que inundaram a Pennsylvania Avenue, ele montou seu quartel-general no centro de crise do bureau. Durante as 20 horas seguintes, ele dirigiu a resposta inicial do governo ao ataque terrorista mais letal da história dos EUA.”



O procurador-geral adjunto Michael Chertoff, cidadão israelense e filho de um agente do Mossad, foi o autor do *Patriot Act*, que destruiu liberdades individuais.

Mas não foi apenas a resposta inicial do governo aos ataques que Chertoff dirigiu; ele também foi parte integrante do acobertamento. Como chefe da Divisão Criminal do Departamento de Justiça, era trabalho de Michael Chertoff recolher evidências e processar o crime do 11 de setembro. Em vez de fazer isso, Chertoff auxiliou no acobertamento em nome da rede étnica responsável pelo crime. Foi Michael Chertoff quem supervisionou o confisco e a destruição de evidências, invocando os regulamentos de Informação de Segurança Sensível (Sensitive Security Information – SSI) para negar qualquer acesso a elas às famílias das vítimas do 11 de setembro. Essa obstrução continuou durante anos após ele ter se tornado chefe da Segurança Interna em 2005, a posição perfeita para dirigir o prolongado acobertamento. Não é de admirar que o advogado John H. Clark, que trabalhou para expor a verdade sobre a morte de Vince Foster em 1993, tenha dito uma vez sobre Chertoff: “Ele é um bastardo desonesto. Ele compactuou com o acobertamento de Foster”.

O Cavaleiro Judeu do Ground Zero

O homem a quem Michael Chertoff atribuiu o controle dos esforços de limpeza no Ground Zero foi Richard Sheirer, o diretor do Gabinete de Gestão de Emergências (Office of Emergency Management) do prefeito Rudolph Giuliani de 2000 a 2002. Sheirer ficou conhecido pela alcunha de “Cavaleiro Judeu do Ground Zero” depois de ser nomeado Cavaleiro Judeu honorário pelo Conselho de Rabinos de Nova York por seu trabalho no Ground Zero. A Sheirer foi dada autoridade completa sobre o esforço de limpeza do WTC. Um artigo de 15 de outubro de 2001 na [New York Magazine](#) intitulado “O Homem Por Trás do Prefeito” detalhou o papel primário de Sheirer no local do WTC: **“Desde 11 de setembro, Sheirer assumiu o comando do maior esforço de limpeza da história americana, coordenando 100 agências federais, estatais e locais, incluindo a FEMA. Ele tornou-se, de fato, o CEO de uma empresa com milhares de trabalhadores e um orçamento que pode chegar aos 40 bilhões de dólares — ou, se preferir, o prefeito da zona quente...”**.

Sob o olhar atento de Sheirer, todo o aço foi retirado do local do crime do WTC e transportado para dois pátios de sucata de propriedade judaica em Nova Jersey, onde foi cortado em pedaços de sessenta polegadas ou menos, misturado com outro metal de sucata e enviado para a China antes que qualquer inspeção pudesse ser realizada. O *New York Daily News* relatou em abril de 2002: **“Cerca de 185.101 toneladas de aço estrutural foram removidas do Ground Zero. A maior parte do aço foi reciclada conforme a decisão da cidade de enviar rapidamente os destroços para depósitos de sucata em Nova Jersey. A movimentação apressada da cidade indignou muitas famílias das vítimas que acreditam que o aço deveria ter sido examinado mais minuciosamente. No mês passado, peritos em incêndios disseram ao Congresso que cerca de 80% do aço foi sucateado sem ser examinado porque os investigadores não tinham autoridade para preservar os destroços”**.

Richard Sheirer e Michael Chertoff deveriam ser ambos processados pelos seus papéis na destruição das evidências cruciais do 11 de setembro e por criarem obstáculos para a rede criminoso responsável pelo crime. Não há outra explicação para as suas ações no local de limpeza do Ground Zero. Para quem estavam esses dois agentes sionistas a acobertar? Osama bin Laden? Khalid Sheikh Mohammad? Improvável.

Apesar de toda a corrupção, ainda havia alguns investigadores honestos tentando chegar ao fundo do que realmente causou a destruição dos três colossais arranha-céus na manhã do 11 de setembro. A essa altura, o leitor já deve conseguir adivinhar que tipo de tratamento lhes foi dispensado. Um [artigo de 2 de fevereiro de 2002](#) no *New York Times* intitulado “A Search for Clues in the Towers’

Collapse: Engineers Volunteer to Examine Steel Debris Taken to Scrapyards” (“Uma Busca por Pistas no Colapso das Torres: Engenheiros Voluntários Examinam Destroços de Aço Levados para Pátios de Sucata”) descreve a cena caótica que se desenrolou quando um punhado de engenheiros genuínos procurou salvar o que pudessem dos destroços para fins de investigação: **“Desde o momento em que as duas torres desabaram a 11 de setembro, engenheiros e outros peritos têm lutado para responder às questões monumentais de exatamente por que e como os edifícios, projetados para suportar o impacto de um jato, colapsaram completamente. Mas, apesar das promessas de uma ampla investigação federal, e após semanas de apelos das famílias das vítimas e de outros para parar a destruição do aço que poderia conter todos os tipos de pistas, as cenas meio heróicas, meio cômicas, no pátio de sucata de Jersey City continuam a desenrolar-se. Pequenas equipes de engenheiros planejam investidas ligeiramente loucas, como cabras montesas, em montes de aço para reivindicar peças de colunas das torres. Os engenheiros cronometram suas incursões para evitar serem esmagados... Através de tudo isso, os engenheiros professam otimismo de que estão a apanhar e a salvar o que é mais útil. Mas admitem que não há maneira de ter a certeza; um número desconhecido de colunas de aço foi enviado para fábricas tão longe como a Ásia sem nunca ter sido examinado ou salvo”.**

Quando o bom amigo de Benjamin Netanyahu, Michael Bloomberg, tornou-se prefeito de Nova York por três mandatos sem precedentes após o 11 de setembro, ele tentou minimizar essa destruição criminosa de evidências dizendo: **“Somente olhar para um pedaço de aço não nos diz nada”.** O fervoroso defensor do controle de armas Bloomberg fez sua parte no acobertamento, alegadamente ameaçando funcionários do NYPD e do NYFD com processos judiciais e perda de emprego e pensões se falassem sobre o que experienciaram naquele dia; ou seja, [explosões nas torres](#), [ferro fundido nos escombros](#), etc. Um [artigo](#) de 26 de agosto de 2011 na *New York Magazine* por Chris Smith resumiu os sentimentos de Bloomberg em relação às viúvas do 11 de setembro: **“Embora o 11 de setembro tenha feito de Michael Bloomberg prefeito, ele por vezes pareceu insensível aos seus efeitos noutros — ele afirmou uma vez, memoravelmente, que queria dizer às viúvas que elas precisavam ‘engolir em seco’ e seguir em frente”.**

Bloomberg é outro agente sionista que acobertou os criminosos da atrocidade do 11 de setembro. Ele é um firme apoiante da Lei Patriota dos EUA (co-escrita pelo seu amigo sionista Michael Chertoff) e faz campanha constantemente pela reescrita da Constituição dos EUA com base no “combate ao terrorismo”. Num artigo para o [Mintpressnews.com](#), a jornalista de investigação Whitney Webb

detalha as conexões de Bloomberg com os históricos criminosos sexuais Jeffrey Epstein e Harvey Weinstein:

“Bloomberg e Epstein também partilhavam amizades próximas com alguns dos mesmos executivos de mídia de Nova York, como Mort Zuckerman. Os órgãos de comunicação social descreveram Zuckerman, um ex-parceiro de negócios de Epstein, como o “facilitador de longa data” de Bloomberg. Noutro exemplo, o ex-relações públicas de Epstein, Howard Rubenstein, é um apoiante de longa data de Bloomberg e foi relatado ser a força motriz por trás da polémica pressão de Bloomberg para contornar os limites de mandato da prefeitura e prosseguir um terceiro mandato como prefeito de Nova York.

“Outro associado mútuo de Epstein e Bloomberg é o desgraçado magnata de mídia Harvey Weinstein. Weinstein fez parte de um grupo de investimento com Epstein que procurou comprar a *New York Magazine* em 2003. Outro membro desse grupo de investimento foi o frequente comentarista da MSNBC Donny Deutsch, que recentemente apoiou fervorosamente a candidatura de Bloomberg.

“Weinstein foi recentemente condenado por estupro e tem dezenas de acusadoras, cuja decisão de se manifestarem sobre os crimes sexuais de Weinstein nos últimos anos ajudou a desencadear o movimento *Me Too*. Weinstein também tem ligações ao ex-primeiro-ministro israelense Ehud Barak, que era um amigo próximo e associado de negócios de Epstein, e foi Barak quem pessoalmente apresentou Weinstein a ex-espiões do Mossad que Weinstein contratou para intimidar suas acusadoras. Além de primeiro-ministro, Barak é também o ex-chefe da inteligência militar israelense, a agência de inteligência estrangeira que patrocinou a operação de chantagem sexual de Epstein envolvendo meninas menores de idade nos Estados Unidos.

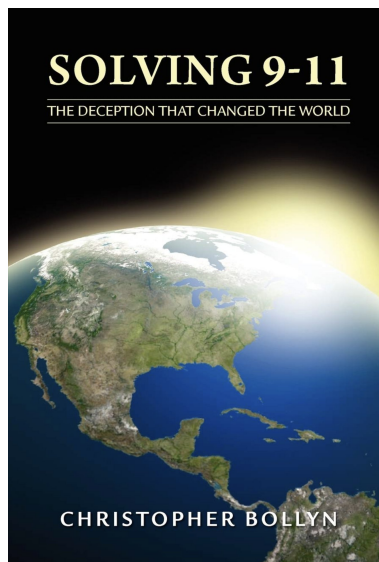
“A candidatura de Bloomberg ainda não foi seriamente contestada devido às suas ligações com Weinstein, que são consideráveis. Por exemplo, Weinstein foi um grande apoiador das campanhas de Bloomberg para prefeito e até gravou chamadas automáticas (*robocalls*) em nome de Bloomberg para aumentar suas chances de eleição. Bloomberg, por sua vez, nomeou Weinstein para um conselho de caridade e Weinstein mais tarde elogiou Bloomberg por ajudar sua empresa de filmes. Enquanto as ligações de Bloomberg com Wexner, Epstein e Maxwell foram silenciadas, alguns meios de comunicação (mais inclinados para a direita) cobriram as ligações Bloomberg-Weinstein, mas houve pouca pressão da mídia mainstream para que Bloomberg aborde esses laços diretamente.”

Depósitos de sucata sionistas

Os dois depósitos de sucata que lidaram com todo o aço do Ground Zero foram a Hugo Neu e a Metal Management. Ambas as empresas, por acaso, eram detidas e operadas por sionistas: Alan Ratner na Metal Management e Robert Kelman na Hugo Neu. (A operação da Metal Management em Newark havia acabado de recuperar-se de uma falência do Capítulo 11 [pouco antes do 11 de setembro](#), um evento que proporcionaria lucros inesperados para a empresa em dificuldades.)

Hugo Neu era um judeu alemão que fundou sua primeira empresa nos anos 30 com os sócios Meno Lissauer e Walter Rothschild, antes de fundar sua própria empresa no início dos anos 60 com seu próprio nome. Em 1999, o filho de Hugo Neu, John, abriu uma empresa derivada com o propósito expresso de intermediar negócios na Ásia. (O leitor recordará que a Ásia é onde Shaul Eisenberg estava ativo e é para onde as evidências do local do crime do complexo do WTC seriam eventualmente enviadas.) O novo braço de comércio global chamava-se Hugo Neu Schnitzer Global Trade e era dirigido por dois judeus israelenses chamados Nathan Fruchter e Jehuda Saar. Antes de trabalharem para a Hugo Neu, Fruchter e Saar tinham ambos trabalhado para o mega-criminoso sionista e ativo do Mossad Marc Rich na Glencore International (cujo CEO é Ivan Glasenberg). Marc Rich foi perdoado pelos seus muitos crimes, incluindo evasão fiscal, fraude eletrônica e extorsão, por Bill Clinton durante o seu último dia de cargo, depois de [intenso lobby](#) nesse sentido por parte dos ex-primeiros-ministros Ehud Barak, Shimon Peres e Ehud Olmert, juntamente com outros membros líderes do Estado israelense.

Em seu livro *Solving 9-11* (“Solucionando o 11 de Setembro”), o jornalista investigativo Christopher Bollyn resume as várias andanças de Nathan Fruchter e Jehuda Saar: “Desde seus primeiros dias com Marc Rich e a Glencore, passando pela Hugo Neu e pelo Midland Group, Saar e Fruchter sempre trabalharam para empresas intimamente ligadas a Israel e ao Mossad”. A Hugo Neu tem ligações suspeitas ao projeto nuclear de Israel em Dimona através dos seus pesados investimentos numa empresa chamada Agua-Agro e num israelense chamado Oren Gafri, que, de acordo com Bollyn, é “um especialista em revestimentos energéticos de nano-compósitos como os que pulverizaram os 220 acres de pisos de concreto no World Trade Center”.



Christopher Bollyn, *Solving 9-11: The Deception That Changed the World* (Lightning Source, 2012).

Por sua parte, Alan Ratner foi nomeado presidente da Metal Management em 2000. O seu diretor-gerente era um judeu chamado Daniel Dienst, que foi contratado em junho de 2001. Dienst havia trabalhado anteriormente para o banco de investimento CIBC World Markets (antiga Oppenheimer & Co.), que tem ligações muito fortes ao Estado de Israel. Tanto Dienst como Ratner parecem ter sido colocados no lugar “na hora certa” para ajudar no acobertamento do 11 de setembro. Em 2005, a Metal Management e a Hugo Neu fundiram-se na Sims Group Ltd.

Como diretores das suas respectivas empresas, Alan Ratner e Robert Kelman supervisionaram pessoalmente o “processamento” criminoso de mais de 250.000 toneladas de aço do WTC antes que qualquer exame pudesse ser realizado. O *New York Times* relatou que a Hugo Neu tinha uma força de trabalho massiva a trabalhar em turnos de doze horas, dia e noite, cortando o aço em pequenos pedaços para serem misturados com outros metais antes de serem enviados para fundições na Ásia. O Dr. Frederick W. Mowrer, professor associado no departamento de engenharia de proteção contra incêndios da Universidade de Maryland, foi citado no [New York Times](#) (25 de dezembro de 2001) dizendo: **“Acho a velocidade com que evidências potencialmente importantes foram removidas e recicladas algo chocante”**. Curiosamente, o Claremont Channel, que permitia aos navios o acesso ao depósito da Hugo Neu, [foi dragado um mês antes do 11 de setembro](#) para aprofundá-lo em mais de 20 pés em alguns locais, a fim de torná-lo acessível para navios maiores. A Hugo Neu colocou 24 milhões de dólares do seu próprio dinheiro no projeto.

Quais são as chances de os dois depósitos de sucata para onde as evidências do pior crime da história dos EUA foram levadas e destruídas serem ambos controlados por judeus sionistas? Quase zero, não? Até a empresa de transporte por caminhão contratada para remover os escombros e destroços do WTC era dirigida por um israelense. Yoram Shalmon, da PowerLoc Technologies, [revelou numa entrevista](#) ao SecuritySolutions.com o quão de perto monitorava seus motoristas com GPS durante o esforço de limpeza: **“Conseguimos começar a identificar padrões de comportamento. Se um motorista chegava atrasado, o analista de tráfego verificava o motivo. Talvez o motorista parasse para almoçar, ou talvez tivesse encontrado trânsito... havia grandes preocupações, porque as cargas consistiam em material altamente sensível. Um motorista, por exemplo, fez uma pausa para almoço prolongada... Não havia nada de criminoso nisso, mas ele foi demitido”**.

Os judeus compõem pouco mais de 2% da população dos EUA, os israelenses muito menos que isso. No entanto, de alguma forma, eles são encontrados em cada junção da matriz do 11 de setembro, do início ao fim. Por mais que você tente, caro leitor, não encontrará grupos organizados de afegãos, russos, sírios, iraquianos ou chineses envolvidos no complô terrorista; apenas israelenses e judeus *sayanim* extremamente dedicados à causa sionista. *Sayanim* é uma palavra hebraica que significa “ajudantes” ou “colaboradores” e denota judeus em países ao redor do mundo que estão dispostos a ajudar o Mossad de qualquer maneira que puderem.

Controle do litígio

Outro conspirador bem posicionado que cumpriu seu papel no acobertamento do 11 de setembro foi Kenneth Feinberg. Feinberg é um advogado sionista que esteve envolvido em muitos esquemas de alto perfil na sua ignóbil carreira; foi ele quem decidiu que bancos receberiam dinheiro de resgate dos contribuintes após o colapso financeiro de 2008, por exemplo. Sua esposa, Diane Feinberg, é membro executivo da United Jewish Appeal — a organização à qual tanto Larry Silverstein como Lewis Eisenberg pertenciam — e também esteve no conselho de governadores da Jewish Agency, uma organização de elite com ligações estreitas com o Mossad.

Kenneth Feinberg era obviamente um homem com as credenciais certas para auxiliar no acobertamento do 11 de setembro. Portanto, não é surpresa que tenha sido escolhido para chefiar o Fundo de Compensação às Vítimas do 11 de Setembro. Esse fundo foi organizado especificamente para impedir que as famílias das vítimas se manifestassem sobre os ataques ou se envolvessem em quaisquer ações judiciais futuras contra as companhias aéreas, o governo ou as agências de

segurança envolvidas no 11 de setembro. Assim que uma família enlutada aceitava o dinheiro de compensação de Feinberg (fornecido pelo contribuinte norte-americano), ela era proibida de falar publicamente sobre os eventos ou de buscar justiça nos tribunais. Foi mais uma manobra dos criminosos sionistas. 97% das famílias concordaram imediatamente em aceitar o dinheiro de silêncio do governo. Os outros 3% que recusaram a oferta e optaram por uma audiência judicial foram assediados e intimidados pela advogada judia Sheila Birnbaum, que foi nomeada para o processo como “mediadora especial”. Nessa função, Birnbaum foi incumbida de [pressionar as famílias a cumprir e aceitar o dinheiro de compensação](#) oferecido através do fundo de Feinberg. Ela fez seu trabalho com uma tenacidade sem dúvida aperfeiçoada ao longo dos seus muitos anos como sócia do escritório de advocacia internacional Skadden Arps (liderado por Eric Friedman). A Skadden Arps tem ligações muito fortes com o Estado de Israel. Um sócio sênior do escritório é Kenneth Bialkin, ex-presidente nacional da Liga Anti-Difamação de B’nai B’rith.

A “guerra judicial de atrito” do Juiz Hellerstein

Noventa e seis famílias rejeitaram o dinheiro de silêncio de Feinberg e Birnbaum, optando, em vez disso, por usar os tribunais para descobrir os fatos sobre o que realmente aconteceu aos seus entes queridos. Infelizmente para as famílias envolvidas, todos os casos acabaram no tribunal de Alvin K. Hellerstein, um juiz sionista do Tribunal Distrital dos EUA para o Distrito Sul de Nova York.

Hellerstein ascendeu à sua elevada posição judicial em 1998 após receber uma nomeação do presidente Bill Clinton. Ele é um judeu talmúdico ligado a algumas das mesmas instituições ortodoxas na cidade de Nova York que Michael Chertoff e o seu colega juiz Mike Mukasey, que auxiliou na libertação de espões israelenses detidos após o 11 de setembro, incluindo os cinco “israelenses dançantes”.

Era óbvio que a manipulação estava em curso desde o início, pois mais uma vez um agente sionista estava bem posicionado para prestar sua assistência no contínuo acobertamento. Como o único juiz a presidir a toda a litigação cível do 11 de setembro, Hellerstein atrasou tanto o processo e colocou obstáculos em cada curva que, finalmente, em 2011, dez anos após os ataques, a última família que ainda mantinha a esperança de obter um julgamento aberto, a família Bavis de Boston, chegou a um acordo extrajudicial após Hellerstein tomar uma decisão relacionada com o caso que tornou impossível para eles continuarem.

Posteriormente, a família queixou-se que Hellerstein “essencialmente esvaziou o caso para que a verdade sobre o que levou aos eventos de 11 de setembro de 2001 nunca fosse revelada em julgamento”.

Frustrações semelhantes foram sentidas por todas as famílias que buscavam justiça através do corrupto tribunal cabalístico de Hellerstein.

Um artigo do *Boston Herald* (6 de março de 2010) [relatou as lutas](#) com Hellerstein enfrentadas pela família de Sara Low, que era comissária de bordo no Voo 11: “Um juiz de Manhattan está a ser vilipendiado pela família enlutada de uma comissária de bordo de Boston assassinada nos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 pois dizem que ele bloqueou um julgamento público, forçando-os a desistir da luta”. Das 96 famílias que esperavam pela sua audiência judicial, nenhum caso chegou a julgamento, exatamente como pretendido pela rede terrorista responsável pelo 11 de setembro. O co-conspirador de Hellerstein, Kenneth Feinberg, aplaudiu a obstrução da justiça pelo juiz, dizendo: “Ele sabia desde o início que os casos tinham de ser resolvidos e ele conseguiu isso.” ([The New York Times](#), 9 de setembro de 2016).



O juiz judeu ortodoxo Alvin Hellerstein garantiu que nenhum caso de vítima do 11 de Setembro fosse a julgamento. Seu filho, Joseph Hellerstein, trabalhava para um escritório de advocacia que representava a ICTS, principal ré no litígio de responsabilidade civil do 11 de Setembro.

Conflito de interesses do Juiz Hellerstein

Hellerstein é um criminoso, não há dúvida disso. Seu abominável uso de procedimentos judiciais para proteger seus mestres sionistas responsáveis pelo

assassinato de 2.977 americanos em plena luz do dia no 11 de setembro é um indicativo revoltante do homem que era. No entanto, a mídia de propriedade judaica o cobriu de louros enquanto ele forçava as famílias das vítimas, uma a uma, a resolver seus casos extrajudicialmente, alegando que “elas decidiram aceitar dinheiro em vez de obter informações”. O que a mídia se recusou a noticiar, no entanto, foi o flagrante conflito de interesses do Juiz Hellerstein que deveria tê-lo desqualificado imediatamente de presidir ao litígio em primeiro lugar.

O filho do Juiz Hellerstein, Joseph Hellerstein, é um advogado judeu ortodoxo em Israel para o escritório de advocacia Amit, Pollak & Matalon, que, por acaso, representava a empresa-mãe da ICTS, a própria empresa responsável pela segurança aeroportuária no 11 de setembro e uma das principais arguidas no litígio cível! Em circunstâncias normais, isso teria sido mais do que suficiente para que o Juiz Hellerstein fosse removido do caso, uma vez que o Código de Conduta para Juízes dos Estados Unidos declara explicitamente:

“Um juiz deve desqualificar-se num processo em que a sua imparcialidade possa razoavelmente ser questionada, incluindo, mas não se limitando a, instâncias em que... o juiz ou o cônjuge do juiz, ou uma pessoa relacionada com qualquer um deles dentro do terceiro grau de parentesco, ou o cônjuge de tal pessoa está... a atuar como advogado no processo.”

Mas, infelizmente, essas não eram circunstâncias normais. Longe de se recusar a presidir ao litígio cível e às ações judiciais do 11 de setembro, Alvin Hellerstein, em vez disso, dispensou a ICTS dos procedimentos, e a imprensa judaica cumpriu fielmente seu papel ao não noticiar esse conflito de interesses fundamental.

Num [artigo](#) intitulado “Judge Hellerstein’s Unethical Connection to Key Defendant in 9-11 Lawsuit” (“A Conexão Antiética do Juiz Hellerstein com o Principal Réu na Ação Judicial do 11 de Setembro”), Christopher Bollyn escreve:

“Hellerstein tem um claro conflito de interesses no litígio cível do 11 de setembro pois seu filho é advogado na Amit, Pollak & Matalon, o escritório de advocacia que trabalha para e está intimamente ligado à Cukierman & Company, a empresa-mãe da ICTS.

“Isso apresenta um óbvio (e provavelmente criminoso) conflito de interesses que não pode ser ignorado ou permitido. O Código de Conduta para Juízes dos EUA tem uma lista de verificação para conflitos de interesses financeiros e outros que é muito útil para compreender o(s) conflito(s) de interesses de Hellerstein no litígio cível do 11 de setembro.

“Tanto Alvin Hellerstein quanto seu filho Joseph trabalharam para o conhecido escritório de advocacia judeu Stroock, Stroock & Lavan antes de se mudarem para as posições que ocupam agora. O presidente Bill Clinton nomeou Alvin Hellerstein para o Tribunal Distrital dos EUA em Nova York em 1998 e Joseph mudou-se para Israel em 2001. Ambos sabem que o conflito de interesses existe, e é por isso que não querem ser entrevistados pela imprensa. A Stroock, Stroock & Lavan desempenhou um papel fundamental na preparação do 11 de setembro. Eles representaram a Silverstein Properties quando Larry Silverstein adquiriu o arrendamento do World Trade Center em julho de 2001. Eles também representaram a Goldman Sachs, A.I.G. e a Cerberus Capital Management, três das principais empresas fraudulentas envolvidas no resgate de trilhões de dólares de George W. Bush e Barack Obama.

“A Stroock tem uma longa história de representação dos Rothschild e de outros sionistas de alto nível.

“A estreita ligação familiar do Juiz Hellerstein à empresa financiada pelos Rothschild e ligada ao Mossad responsável pelos ataques terroristas do 11 de setembro explica por que ele foi escolhido para lidar com o litígio cível do 11 de setembro. Ele foi escolhido para gerir o litígio do 11 de setembro para proteger a decepção do 11 de setembro — e os culpados — bloqueando a descoberta de evidências e impedindo um julgamento. Quando o Juiz Alvin K. Hellerstein encerrar o litígio do 11 de setembro, tendo resolvido todos os casos extrajudicialmente sem um julgamento, suspeito que ele terá que se aposentar em Israel. Sabendo muito bem como ele e seus comparsas sionistas obstruíram a justiça para tantas pessoas, seu medo não o deixará viver em paz entre aqueles a quem prejudicou tão gravemente.”

O LEGADO

Relatório da Comissão do 11 de Setembro

“O que os funcionários do governo e militares disseram ao Congresso, à Comissão, à imprensa e ao público sobre quem sabia o quê e quando foi quase inteiramente e inexplicavelmente falso.” — John Farmer, Conselheiro Sênior da Comissão do 11 de Setembro.

Agora chegamos ao estágio final da saga do 11 de setembro... o legado duradouro. Para os conspiradores, é imperativo condicionar continuamente a mente do público com a versão dos eventos que eles desejam que seja acreditada. Os criminosos do 11 de setembro fizeram grandes esforços para amedrontar os americanos com o conto de fadas oficial do governo sobre 19 árabes com estiletes a superarem o sistema de vigilância mais sofisticado do mundo, para derrubar três torres de

arranha-céus de estrutura de aço com dois aviões. A propriedade sionista da mídia americana garante que essa é a única história ouvida pelas massas. Felizmente, os ativistas da verdade têm sido amplamente bem-sucedidos em espalhar a conscientização sobre as muitas absurdidades inerentes à história do governo por meio da internet. Por anos, pesquisas mostraram consistentemente que a maioria dos americanos tem sérias dúvidas sobre o relato do governo a respeito do que aconteceu a 11 de setembro de 2001. Para combater esse ceticismo, o governo e suas instituições totalmente controladas, dependentes de financiamento federal, emitiram um punhado de relatórios gravemente falhos com o objetivo de convencer o público da sua história fantasiosa, conferindo-lhe um verniz pseudo-científico. O mais notável desses é o Relatório da Comissão do 11 de Setembro.

A Comissão Nacional sobre Ataques Terroristas aos Estados Unidos (A Comissão do 11 de Setembro) foi estabelecida a 27 de novembro de 2002, após mais de um ano de obstrução por parte da administração Bush. O grupo publicou seu duvidoso Relatório da Comissão quase dois anos depois, a 22 de julho de 2004, após omitir montanhas de evidências que refutavam a narrativa ridícula do governo e permitir que altos membros do gabinete de Bush testemunhassem em segredo, longe dos olhos e ouvidos indiscretos do público. Phillip Zelikow, um grande *insider* da administração, foi o homem nomeado como diretor executivo da Comissão do 11 de Setembro pelo Presidente Bush após sua primeira escolha, o canalha sionista Henry Kissinger, ter sido forçado a renunciar devido a protestos públicos e à sua recusa obstinada em revelar clientes comerciais do seu obscuro grupo Kissinger Associates. Até mesmo o [*The New York Times*](#) (29 de novembro de 2002) estranhou a surpreendente nomeação de Kissinger: “É tentador perguntar se a escolha do Sr. Kissinger não é uma manobra inteligente da Casa Branca para conter uma investigação a que se opôs durante muito tempo”.

Como se vê, Zelikow era o homem certo para o trabalho. Como estudante na Universidade de Tufts, ele escreveu sua tese de doutoramento sobre “a criação e manutenção de mitos públicos”. Se você acha estranho que o próprio sujeito que presidiu ao Relatório da Comissão do 11 de Setembro fosse um especialista em enganar o público e promover “mitos públicos” amplamente difundidos, não está sozinho. Isso é exatamente o que ele fez com o seu Relatório da Comissão, que foi um tão grande encobrimento que até membros de sua própria equipe, como o presidente Thomas Kean, manifestaram-se contra ele, dizendo, entre outras coisas, que ele foi configurado para falhar.

As profundas ligações de Zelikow com as mesmas pessoas que ele deveria estar a investigar criaram um maciço conflito de interesses que, tal como o Juiz Hellerstein, deveria tê-lo desqualificado imediatamente como diretor executivo da Comissão. Como membro da “Task Force on National Security in the Information

Age” (“Força-Tarefa sobre Segurança Nacional na Era da Informação”) do Presidente Bush, Zelikow foi o autor da “National Security Strategy of the United States of America” (“Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América”) da Casa Branca em 2002, que delineou a doutrina de guerra preventiva que foi usada com efeito tão devastador contra o Iraque em 2003, bem como contra outros países que não representavam qualquer ameaça para a América, mas eram percebidos como hostis a Israel. A autoria de Zelikow da doutrina era desconhecida pelos funcionários da comissão, incluindo os presidentes Thomas Kean e Lee Hamilton, quando ele foi nomeado Diretor Executivo da Comissão do 11 de Setembro. Seus conflitos de interesses eram tão gritantes que, quando foi nomeado para o cargo, Richard Clarke, conselheiro de contra-terrorismo de George Bush, observou profeticamente: “A manipulação está armada... Poderia alguém ter um conflito de interesses mais óbvio do que Zelikow?”.

Zelikow dominou todos os aspetos da investigação do início ao fim, garantindo que a culpa nunca seria atribuída ao elefante adornado com *tefilin* na sala. Ele contratou e demitiu a equipe, dirigiu todos os esforços de investigação, omitiu todos os dados que não apoiavam a narrativa oficial e permitiu que confissões falaciosas obtidas através de tortura extrema fossem admitidas como evidências, como as muitas alegações escandalosas de Khalid Sheikh Mohammad. O jornalista americano Paul Sperry foi um dos pouquíssimos na mídia americana que se atreveu a [apontar o óbvio](#): “Embora não tenha voto, o ex-advogado do Texas tem, sem dúvida, mais influência do que qualquer membro, incluindo o presidente. Zelikow escolhe as áreas de investigação, os materiais de informação, os tópicos para audiências, as testemunhas e as linhas de questionamento para as testemunhas. Ele também escolhe quais as lutas que vale a pena travar, legalmente, com a Casa Branca, e esteve envolvido na última rodada de capitulações — digo, negociações — sobre o testemunho de Rice. E os comissários, na sua maioria, seguem suas recomendações. Na prática, ele define a agenda e conduz a investigação. Ele também carrega consigo um odor de conflito de interesses francamente ofensivo, que de alguma forma passou despercebido pelos advogados que o avaliaram para uma das posições de investigação mais importantes na história dos EUA”.

O membro da Comissão e ex-senador dos EUA Max Cleland pareceu concordar com a avaliação de Sperry. Demitindo-se em protesto pouco depois de ser nomeado, Cleland afirmou: “Isso é um farsa. É nojento. A América está a ser enganada”. Ele tinha razão. O Relatório da Comissão do 11 de Setembro de Zelikow foi um encobrimento tão grande que nem sequer mencionou o colapso em queda livre do Edifício 7 do WTC, de 47 andares, às 17:20 da tarde. De acordo com outros membros da comissão, Philip Zelikow já tinha o relatório escrito quase

na totalidade como ele acabaria por aparecer, mesmo antes de sua “investigação” começar.

Benjamin Chertoff

Benjamin Chertoff foi o pesquisador sênior de um artigo da *Popular Mechanics* intitulado “Debunking 9/11 Lies” (“Desmascarando Mentiras do 11 de Setembro”), publicado na primavera de 2005. O artigo foi usado como base para um livro intitulado *Debunking 9/11 Myths: Why Conspiracy Theories Can’t Stand Up to the Facts* (“Desmascarando Mitos do 11 de Setembro: Por que as Teorias da Conspiração Não Resistem aos Fatos”), publicado um ano depois, que incluía o decano das fofocas de celebridades judaicas, Jim Meigs, da *Entertainment Weekly*, como seu editor-chefe. Com mentes tão ilustres como a de Meigs envolvidas, quem poderia duvidar das conclusões da equipe?

Apesar de ostentar em sua página de capa que “As teorias da conspiração não resistem aos fatos concretos”, tanto o artigo de Chertoff como o livro que inspirou não conseguiram produzir qualquer explicação coerente para o que realmente causou a destruição das três torres do WTC no 11 de setembro ou para o motivo pelo qual os aviões sequestrados não foram interceptados. Apesar disso, o trabalho de Chertoff tem sido citado por muitos na mídia mainstream como a resposta final ao que eles chamam de “teorias da conspiração do 11 de setembro”. O falecido e grande pesquisador e teólogo, Professor David Ray Griffin, que demole absolutamente ambos os estudos da *Popular Mechanics* no seu livro de 2007 *Debunking 9/11 Debunking* (“Desmascarando o Desmascaramento do 11 de Setembro”), escreve: “Longe de abordar todas as principais alegações do movimento pela verdade do 11 de setembro, os autores parecem ter lidado apenas com aquelas alegações que pensaram poder parecer desmascarar aos olhos do leitor comum. Embora afirmem que os teóricos da conspiração alternativos ‘ignoram tudo exceto alguns detalhes soltos que pensam apoiar as suas teorias’, essa afirmação descreve melhor a abordagem dos autores de *Debunking 9/11 Myths*”.

REVISED & UPDATED EDITION

DEBUNKING 9/11 DEBUNKING

An Answer to
Popular Mechanics
and Other Defenders
of the Official
Conspiracy Theory

DAVID RAY GRIFFIN
Author of The New Pearl Harbor

David Ray Griffin, *Debunking 9/11 Debunking: An Answer to Popular Mechanics and Other Defenders of the Official Conspiracy Theory* (Olive Branch Press, 2007).

Agora, por que razão Benjamin Chertoff e a *Popular Mechanics*, ligada à CIA desejariam manchar sua estelar reputação publicando um relato tão comprovadamente não científico do que aconteceu no 11 de setembro? Talvez porque Benjamin Chertoff é primo do arqui-conspirador do 11 de setembro Michael Chertoff! Quando o incansável jornalista Christopher Bollyn contactou Benjamin Chertoff pessoalmente e lhe perguntou se era parente de Michael Chertoff, o investigador principal de “Debunking 9/11 Lies” respondeu desconfortavelmente: “Não sei”. No entanto, quando Bollyn contactou a mãe de Benjamin Chertoff em Pelham, Nova York, e lhe fez a mesma pergunta, ela respondeu: “Sim, claro, ele é primo”.

Esse fato inconveniente foi abordado por Jim Meigs no seu posfácio a *Debunking 9/11 Myths*, onde tentou seu melhor para minimizar a importância da descoberta de Bollyn: “Christopher Bollyn telefonou para a mãe de Ben, que voluntariamente disse que sim, ela acha que Michael Chertoff pode ser um primo distante... é possível que Ben e Michael Chertoff sejam distantemente relacionados”.

Note as mudanças astutas de Meigs destinadas a criar algum distanciamento. “Sim, claro” torna-se “sim, ela acha” e “ele é primo” é transformado em “pode ser um primo distante”. O Professor Griffin escreve:

“A expressão de dúvida de Meigs é supreendente. Ele está a afirmar que ele e sua equipe de elite foram capazes, em poucos meses, de descobrir todas as verdades centrais sobre o 11 de setembro... e ainda assim não foram capazes de descobrir com certeza se um membro de sua própria equipe era parente do diretor da Segurança Interna! Seja qual for a verdade, parece que a *Popular Mechanics* tomou todas as medidas possíveis para evitar que essa acusação fosse levantada

contra seu livro. Enquanto Benjamin Chertoff se descreveu como o pesquisador sênior do artigo da revista e seu nome foi exibido prominentemente no topo da lista de repórteres que trabalharam nele, seu nome não está na capa do livro como um de seus editores. Seu nome nem sequer está listado sob “repórteres/escritores” ou “pesquisadores”, ou em qualquer outro lugar da página técnica do livro. Na verdade, a única menção a seu nome, antes do posfácio, ocorre na seção “Agradecimentos”, onde ele é agradecido — embora ele tenha sido o chefe do departamento de pesquisa quando o artigo foi publicado — apenas como um dos muitos “membros da equipe de reportagem original”. Provavelmente ninguém, lendo apenas esse livro, pensaria que ele deve muito a um homem parente do diretor da Segurança Interna.

Acobertamento do NIST

“Na minha opinião, a investigação do World Trade Center pelo NIST fica aquém das expectativas por não encontrar definitivamente a causa, por não vincular suficientemente as recomendações de especificidade à causa, por não invocar plenamente sua autoridade para buscar fatos na investigação, e pela orientação dos advogados do governo para deter em vez de desenvolver a descoberta de fatos.” — Professor James Quintiere, Engenharia de Proteção contra Incêndios, Universidade de Maryland, ao Comitê de Ciência da Câmara (26 de outubro de 2005).

O National Institute of Standards and Technology (Instituto Nacional de Normas e Tecnologia) (NIST) divulgou seu “Final Report of the World Trade Center Disaster Investigations” (“Relatório Final das Investigações do Desastre do World Trade Center”) em setembro de 2005. Não é necessário dizer que foi um típico acobertamento financiado pelos contribuintes, indigno do papel em que foi impresso. O NIST era chefiado na altura por um cripto-judeu chamado William Jeffrey (nome real Jaffe), que foi nomeado diretor da organização após ser indicado por George W. Bush a 25 de maio de 2005. Tal como tantos outros nessa saga, parece que Jeffrey foi colocado no lugar “na hora certa” para prestar seus serviços ao acobertamento, assumindo o controle do NIST mesmo quando o relatório sobre o “colapso” das torres do World Trade Center estava sendo preparado e saindo três anos depois, pouco antes do relatório do Instituto sobre o Edifício 7 ser publicado.

William Jeffrey nasceu de Helen Anna Engelking e Alan Samuel Jaffe, judeus russos que mudaram o nome da família para Jeffrey em 1952. Antes de se tornar diretor do NIST em 2005, Jeffrey tinha trabalhado para a DARPA (o sinistro braço tecnológico do Pentágono) e foi fundamental na criação do setor de ciência e tecnologia no Departamento de Segurança Interna. Notavelmente, serviu como

Assistente Adjunto para Tecnologia no Escritório de Reconhecimento Aéreo de Defesa, onde trabalhou no desenvolvimento de sensores para o veículo aéreo não tripulado (*drone*) RQ-4 Global Hawk.

Foi Jeffrey quem supervisionou a produção do relatório do NIST sobre a destruição das torres do WTC. Seu principal investigador/gestor de programa para o projeto era um judeu chamado Stephen Cauffman, que, no momento da escrita, servia como chefe de seção na Divisão de Segurança de Infraestruturas, Cybersecurity and Infrastructure Security Agency (“Agência de Segurança de Infraestruturas e Cibersegurança”) (CISA). Durante a “investigação” do NIST, Jeffrey e a sua equipe nunca procuraram quaisquer evidências de explosivos que tivessem sido usados para derrubar as três torres de estrutura de aço, nem examinaram a presença de metal fundido sob os escombros do complexo do WTC. Claramente, Cauffman, Jeffrey e seus subordinados Shyam Sunder e John Gross não estavam interessados em descobrir o que realmente causou a destruição sem precedentes dos três edifícios massivos. Analistas concluíram que eles são culpados de mentir sobre as temperaturas do fogo, a expansão térmica do concreto e a condutividade térmica do aço, além de falsificar modelos e omitir dados críticos. Após completar o relatório do NIST, William Jeffrey passou a ser CEO do Stanford Research Institute (SRI), onde os nanocompósitos são desenvolvidos num laboratório dirigido por um israelense chamado Yigal Blum de 1984 a 2018. Blum trabalhou como Diretor Associado de Ciência e Tecnologia Química durante mais de três décadas no SRI.

O Memorial do 11 de Setembro

Quando digo que há impressões digitais israelenses por todo o 11 de setembro, quero dizer até nos detalhes mais minuciosos. O Memorial do 11 de Setembro foi projetado por Michael Arad, um cidadão israelense que serviu na unidade de comando da Brigada Golani e afirmou ser amigo íntimo de Michael Bloomberg. O pai de Arad, Moshe Arad, foi embaixador de Israel nos Estados Unidos e no México e integrou o conselho do Israel Council on Foreign Relations; ele faleceu em Tel Aviv em 2019.

A história oficial afirma que Arad submeteu seu nome a um concurso em 2003 para construir o memorial do 11 de setembro e, veja só... ele venceu! Entre 13.683 inscritos de todos os 50 estados americanos e 94 nações ao redor do mundo, totalizando a maior competição de design da história, o filho do ex-embaixador israelense acabou saindo por cima. Que sorte! Tenho certeza de que isso não teve nada a ver com suas conexões com o sionismo internacional e Michael Bloomberg. Nem pense nisso, teórico da conspiração!

O projeto de Arad para o memorial do 11 de setembro estava alinhado com o plano mestre original criado por um judeu polonês chamado Daniel Libeskind, que foi selecionado para supervisionar a reconstrução do World Trade Center. Os projetos de Libeskind foram descritos por muitos críticos como rasos, sem alma e sem inspiração. O memorial do 11 de setembro é consistente com essas descrições. Hoje, é praticamente um local religioso ao qual gentios fazem peregrinações diárias para contemplar o horror daquele dia causado pela própria rede de pessoas que construiu o memorial hediondo. É uma das maneiras mais eficazes de os responsáveis pelo crime reforçarem sua narrativa fictícia em mentes impressionáveis. Quando visto por esse ângulo, o memorial do 11 de setembro é exposto pelo que realmente é: uma zombaria judaica macabra que, como bônus, ajuda a cultivar um maior ódio contra os árabes.

Para adicionar mais um insulto, um grupo liderado por David Silverman [entrou com uma ação judicial](#) para remover a cruz do World Trade Center do memorial do 11 de setembro. Formada por vigas de aço desenterradas dos escombros do WTC no Ground Zero, ela foi içada por um guindaste como um símbolo comovente de esperança, pois se assemelha muito à cruz cristã. Ao entrar com a ação, Silverman reclamou para a imprensa: **“Foi abençoada por supostos homens santos e apresentada como um lembrete de que seu deus, que não se deu ao trabalho de deter os terroristas muçulmanos ou evitar que 3.000 pessoas fossem mortas em seu nome, se importou apenas o suficiente para nos agraciar com alguns escombros que se assemelham a uma cruz”**.

CONCLUSÃO

As informações apresentadas acima são apenas uma parte dos dados disponíveis que implicam Israel no pior ataque terrorista da história dos Estados Unidos. Israel é o único país que tinha os meios, o motivo e a oportunidade para realizar os ataques e encobri-los depois. Portanto, não é surpreendente que a esmagadora preponderância de evidências leve diretamente a Tel Aviv; ou, como disse Alan Sabrosky, ex-Diretor de Estudos Estratégicos no U.S. Army War College: **“A trilha de evidências para o 11 de setembro e as guerras no Afeganistão e no Iraque vai do PNAC (Project for the New American Century), AIPAC (American Israel Public Affairs Committee) e seus aliados; através dos neoconservadores, em sua maioria judeus, na administração Bush; e de volta ao governo israelense. Nenhuma das negações e maquinações políticas pode alterar essa realidade essencial”**. ([Fonte](#))

Como demonstrei, o 11 de setembro serviu como o *casus belli* (“caso de guerra”) para arrastar os militares dos EUA para o Oriente Médio a fim de travar guerra contra os inimigos de Israel, de acordo com uma agenda de décadas formulada por

estrategistas políticos e militares sionistas. Compreender as razões para o 11 de setembro e a rede criminosa responsável pelo evento ajuda a dar sentido ao nosso cenário geopolítico moderno, particularmente o [incidente de 7 de outubro](#) e suas consequências cada vez mais problemáticas. A Guerra ao Terror não está destinada a terminar até que Israel tenha expandido seu território dos rios Nilo ao Eufrates e limpado Gaza e a Cisjordânia de todos os habitantes não judeus. Em busca disso, agentes israelenses estão mais uma vez trabalhando arduamente para arrastar tropas americanas para o Oriente Médio para lutar contra o Hezbollah, os Houthis, o Irã e qualquer outro que se oponha à hegemonia israelense sobre a região rica em petróleo. Será um desastre absoluto para todos nós se o povo americano permitir que seja manipulado emocionalmente para apoiar outra guerra no Oriente Médio justificada por enganações israelenses. Simplesmente não podemos permitir que isso aconteça. Pegue o que aprendeu aqui e aplique. Seja vigilante e, acima de tudo, muito desconfiado de qualquer coisa que a mídia esteja dizendo, pois mentir para promover sua agenda é sua principal ocupação. Na verdade, é a razão de sua existência.